

ENTRE A CELA E A LIBERDADE: Produção experimental de documentário no interior de um cárcere de Mato Grosso¹

Milanie Bianca de OLIVEIRA²
Lawrenberg Advíncula da Silva³
Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia MT

RESUMO

O documentário **Entre a cela e a liberdade: Histórias de um cárcere** visa abranger histórias de três tipos de detentos do sistema penitenciário brasileiro: um recém-chegado, um que já está no meio de sua pena e outro que já cumpriu seu tempo. Segundo o autor do livro “Roteiro de documentário”, Sérgio Puccini (2010), o documentário é uma história trabalhada na ficção. O objetivo é explorar um cotidiano geralmente marginalizado pelos cadernos policiais da grande mídia, a partir de uma abordagem que humaniza e, simultaneamente, questiona a funcionalidade dos espaços de confinamentos.

Palavras chave: Comunicação; Documentário; Sistema prisional; Mata Grande.

1 Um debate inicial

O documentário ENTRE A CELA E A LIBERDADE - Histórias de um cárcere busca trazer a tona o cotidiano antes e depois do crime de cada indivíduo que foi entrevistado. Buscamos esta realidade de modo sociológico e antropológico, sabendo que: “É a interiorização da cultura da sociedade ou do grupo social a que pertencemos que nos possibilita agir de forma quase instintiva e automática”. (SUNG, 1958, p. 27).

O presente estudo e projeto de documentário reflete sobre a ineficiência dos espaços de confinamento e das políticas de reinclusão social das penitenciárias no Brasil, inspirado por uma vasta filmografia como Carandiru (2003) e Tropa de Elite (2009), bem como na leitura de obras como Vigiar e Punir, do sociólogo Michel Foucault (1977).

Segundo o Instituto Avante Brasil (institutoavantebrasil.com.br, 16/10/2013), entre os anos de 1990 a 2012 foi apontado um crescimento de 508,8% da população detenta no Brasil, registrando-se 548.003 detentos em 2012. O que gerou uma taxa de 287,31 para cada 100 mil habitantes, em uma população de 190.732.694 habitantes, segundo o IBGE.

Os números do parágrafo anterior contrastam-se com a pouca quantidade de vagas nas unidades prisionais do país, que totalizam 363.520. E isto gera um déficit de aproximadamente 200 mil vagas, distribuídas nos 26 estados e no Distrito Federal.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Documentário.

² Recém Graduada Milanie Bianca de Oliveira email: milaniebianca@msn.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: lawrenberg@gmail.com.

Ciente disso, o projeto visa estudar essas histórias, pontuando essas justificativas, mergulhando no cotidiano de uma das maiores penitenciárias de Mato Grosso, Mata Grande, situada na cidade de Rondonópolis. Trata-se de um projeto de documentário de viés participativo sobre a rotina de detentos e ex-detentos, a partir do entrecruzamento de testemunhos e visões de quem é entrevistado e dos próprios entrevistadores, lembrando os tempos áureos de documentaristas como Eduardo Coutinho (Cabra marcado para morrer, 1984).

2 Objetivo do Documentário

Voltado para questões mais humanísticas na relação entre o sistema prisional e sua população carcerária, o documentário busca retratar uma realidade ainda pouco explorada pela grande mídia, sobretudo no que tange temas como o sentido de privação de liberdade e o cotidiano do preso num presídio. Além de mostrar a parte interna da penitenciária da Mata Grande, em Rondonópolis, com o uso de imagens que proporcionam ao espectador a sensação de estar junto com a equipe, também houve o cuidado de evidenciar as dinâmicas sociais no seu entorno, sob o intuito de compreender as interações existentes entre os de “dentro” e de “fora”.

3 Por que fazer um documentário em uma penitenciária?

O documentário procurou resgatar o motivo do grande número de internos no país, quais as políticas públicas adotadas, campanhas e assistências básicas às famílias carentes, pois uma grande porcentagem desses presos vem de famílias de baixa renda, sem acesso a educação de qualidade, saúde ou qualquer assistência básica por parte do governo, famílias desestruturadas compostas muitas vezes por pais desempregados ou ganhando muito pouco e com pouca escolaridade.

Em linhas gerais, é possível constatar que a criminalidade está diretamente ligada à falta de assistência básica por parte do governo, aliado a um sistema penitenciário falido.

Construir, ou melhor, reconstruir uma imagem, um estigma adotado pela sociedade e aceito durante décadas é mais que um desafio, e adotar uma forma de aproximar-se o mais possível do real só se deu a partir do documentário, que pode nos possibilitar o contato direto com o sistema, com o interno, a família e com todos os envolvidos nesse processo, na

busca por uma humanização das pessoas que são esquecidas e lembradas somente quando cometem alguma infração ou delito a sociedade.

O filme não é apenas uma sucessão de imagens diante de mim na sala de projeção, momento em que minha percepção pode examinar estruturas, relações; é também a história de uma produção que, socialmente, constrói uma identidade, uma condição fortemente marcada pelo indicial (o rastro do mundo empírico na imagem) que, reconhecido, precisa ser assumido, não como a verdade total do jogo, mas como parte integrante dele. (XAVIER,2004, p.75).

Entender esse contexto vai muito além dos direitos humanos, o objetivo do trabalho em questão visa desconstruir essa imagem imposta e, em determinado momento, inviolável, que foi criada pela mídia e pela sociedade como forma de pré-conceito, ao mostrar toda uma rotina, laços familiares, sistema penitenciário, entrevistas. O que, por outro lado, reitera uma das nossas propostas de estabelecer uma conexão clara entre os “dois mundos”, derrubando essa barreira que ultrapassa décadas sem a verdadeira execução do seu papel.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NO DOCUMENTÁRIO

4.1 Pesquisa bibliográfica e webgráfica do tema

Na metodologia do trabalho privilegiou-se primeiramente a pesquisa bibliográfica e a webgráfica sobre o tema documentado e o documentário em si. Nesse sentido, tivemos como arcabouço teórico textos sobre o sistema prisional e a produção do documentário.

Depois de feita as pesquisas, utilizou-se o método etnográfico de incursão de campo, a fim de coletar entrevistas e experiências. O método fez-se notar principalmente durante a primeira visita à Mata Grande, quando se conseguiu localizar histórias comoventes e extrair delas interrogações pertinentes ao corpo do documentário. Depois se verificou sua importância na etapa de entrevistas, com pessoas conhecidas aos detentos, familiares e principalmente as pessoas do seu convívio.

O processo etnográfico de incursão acabou se conectando com as experiências de telejornalismo e documentarismo, apreendidas em sala de aula e na vivência prática. O que contribuiu decisivamente na formação de um ambiente mais espontâneo e natural, uma vez

que a interferência das câmeras e dos cinegrafistas acaba alterando drasticamente a reação das pessoas no ambiente.

4.2 Incursão de conhecimento

Documentário nenhum nasce de repente, mas da discussão entre uma equipe com a realidade que os cercam. No quesito pré-produção, a composição do tema do filme será determinante na seleção das circunstâncias das filmagens que serão encaradas pelos documentaristas. Esta escolha fica mais clara tendo em vista a quantidade de trabalhos desse formato que são optados por talvez ocorrer uma falsa impressão da facilidade na gravação durante a produção, ou mesmo, pela decisão de discorrer sobre políticas públicas e/ou pelo contato com apenas uma vertente do formato da obra, que é conhecido através da televisão.

Sobre esta fase, Harris Watts (1990, p. 28) explica “[...] portanto, você deve fazer sua própria pesquisa. Uma vez que é você quem descobre mais e mais sobre um assunto, você é a única pessoa que está procurando os pontos que funcionarão melhor em vídeo [...]”.

O documentário *‘Entre a cela e a liberdade: estórias de um cárcere’* foi planejado como uma combinação dos dois grupos de situações de filmagem: filmagem de eventos integrados e filmagem de eventos autônomos. Como diz Puccini (2009, p.187), em seu artigo *‘Introdução ao roteiro de documentário’*:

É classificado como evento integrado aquele que acontece através da força, existindo só para o filme, sendo assim divididos e colocados em ordem par que atenda as precisões da produção do documentário, como entrevistas feitas em estúdio, declarações, testemunhos, encenações e outras. E os eventos autônomos são todo aquele que saem do controle da produção da obra. Eventos aleatórios como, por exemplo, manifestações populares, eventos naturais, cerimônia de âmbito oficial, etc.

Na Pré-produção do filme *‘Entre a cela e a liberdade: estórias de um cárcere’*, antes do processo de filmagem, houve de pesquisa do local, sendo ao todo três visitas para reconhecimento de campo. Bem como foram feitas pesquisas bibliográficas, webgráficas, além da contemplação de reportagens televisivas e alguns filmes para que, assim, pudessemos explorar o tema e o assunto com maior propriedade.

Ainda na pré-produção, para a realização do documentário na Penitenciária Regional Major Eldo de Sá (Mata Grande), em Rondonópolis, foi necessário o reconhecimento das possíveis restrições que existiam para adentrar no recinto.

Para Puccini (2009, p.181), este levantamento inicial é importante para o bom desenvolvimento do filme e para que haja uma familiarização com o ambiente.

[...]o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido; fazer um exaustivo levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando garantir permissão para uso; fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que o habitam.(PUCCINI, 2009 p.181)

No processo foi desenvolvido o *storyboard*⁴ de imagens para fins de orientação de gravação na unidade prisional nas gravações que seriam iniciadas neste período. Foram escolhidos vários planos de imagens, angulações e enquadramentos para que pudéssemos compor cada detalhe com um sentido próprio de cada formato de gravação.

4.3 Pesquisa de fontes

A importância da fonte e das entrevistas dada por elas no documentário é imprescindível para a credibilidade do filme, como dizia Nilson Lage (2001, p.68-69), em seu livro *A Reportagem*, pois “muitas notícias jamais seriam conhecidas, ou demorariam muito a ser, não fosse a iniciativa das fontes em divulgá-las por algum interesse próprio.”

Inicialmente identificamos as fontes a serem entrevistadas, tanto as fontes oficiais e não-oficiais. Subtraindo das oficiais fatos, versões e números. Enquanto as fontes não-oficiais ou secundárias, são consultadas para a preparação da pauta, identificadas por testemunhos e muitas vezes levadas pela emotividade.

Assim sendo, para as oficiais foram ouvidos: advogado, profissional da mídia da cidade, psicólogo, diretor da penitenciária, agente carcerário e assistente social. Já as não oficiais foram: reeducandos, família dos reeducandos, vizinhos da penitenciária.

4.4 Processo: as entrevistas

⁴ Um storyboard tem por desígnio apontar as fundamentais passagens de uma história que estará sendo descrita em um filme da forma mais aproximada com a qual ela terá que aparecer na tela. Logo que finalizado, as pessoas envolvidas no projeto entendem as nuances daquela sequência, do ritmo das cenas, do clima e da eficácia em transmitir a história.

Ao longo de todo processo, entrevistamos 12 fontes, sendo exibidas 10 fontes durante o documentário. Começamos as entrevistas no dia 14 de fevereiro com os reeducandos. O primeiro deles foi Ângelo Gomes de Almeida, 51 anos, condenado a quatro meses de prisão pelo crime de assédio sexual a menor. Logo depois conversamos com Marcelo Guimarães Tavares, 31 anos, condenado a dois anos de prisão por tentativa de homicídio. Depois de outras pesquisas, conseguimos localizar o ex- detento Ataíde Pereira da Silva, 53 anos, condenado por estupro, e que passou um ano e dez meses dentro da penitenciária. Este último relatou-nos sobre sua experiência dentro da prisão e as dificuldades encontradas ao sair.

Logo depois entrevistamos o diretor da penitenciária, Agnos Sérgio Silva Ramos, 37 anos, e o agente prisional que não quis se identificar. Eles contribuíram para o desenvolvimento do trabalho a partir de informações mais pormenorizadas do presídio, como também com a sua opinião acerca da reeducação.

4.5 Desenvolvimento de roteiro

O documentário "Entre a cela e a liberdade: estórias de um cárcere" começa sem roteiro, pois exige este contato corpo-a-corpo. Para Puccini (2009, p.177) essa ausência de roteiro pode influenciar e diferenciar da ficção.

Essa ausência de roteiro, às vezes valorizada e defendida naquilo que seria a diferença principal entre documentário e ficção, antes de ser um facilitador contribui para gerar dúvidas frequentes entre aqueles que buscam iniciar carreira como documentaristas.

Inicialmente foi se pensado em um projeto de pesquisa, realizado na disciplina de Metodologia Científica, no 5º semestre de Comunicação Social, logo influenciado por discussões de disciplinas como Antropologia e Comunicação, Estudos Culturais e Mídia e Documentarismo.

Ao discutir documentário em sala de aula, foi verificado eles normalmente se iniciam com "[...]investigações e divulgação de determinados assuntos presentes em nossa história e sociedade, mas também se originam de projetos institucionais, de iniciativa de empresas, órgãos públicos e não governamentais, instituições filantrópicas, etc." (PUCCINI, 2009 p.178)

Antes de tudo foi se pensado na pesquisa do assunto tratado, de acordo com Harris Whatts (1990, p.47), pois é importante fazer o "Reco". Fazer o reco é como fazer um

checklist de tudo que será trabalhado em sua produção, do início ao fim, da pré produção, a produção e pós produção.

4.6 A gravação e edição do documentário

Ao se produzir um documentário é utilizado recursos e técnicas muito semelhantes às de filmes ficcionais, como a angulação aberta, plano geral, detalhes, alguns closes, etc. A influência do documentarista, editor ou até mesmo do narrador altera a originalidade do registro real da fala do objeto. Mas tudo isso é compensado e discernido da ficção, durante o enfoque do tema.

A produção do documentário iniciou-se no dia 14 de fevereiro de 2014 e teve a sua conclusão entre os dias 11 de maio a 5 de junho, na penitenciária Mata Grande. Foram dias de gravações tensas. Gravamos entrevistas, offs e foi um enorme desafio gravar as externas. Como previu Harris Watts (1990, p.143) : “as externas representam o contrário do estúdio. No estúdio, você leva a locação para o estúdio; na externa, você leva o estúdio até a locação.”

A edição de todo material foi feita por profissionais que o grupo contratou, mas o grupo de preocupou em participar ativamente de todo o processo de edição, podendo passar também na edição toda a experiência vivenciada durante o processo de construção do documentário.

5 Documentário Entre a cela e a liberdade

Pode-se depreender que o documentário Entre a cela e a liberdade versa sobre uma discussão premente na agenda midiática do Brasil, que passa pela interpretação acerca dos usos e fins das penitenciárias, como também, da imagem do preso diante de uma opinião pública, acostumada a ter uma percepção cética e negativa sobre o preso em si.

Não muito diferente das penitenciárias brasileiras, Mata Grande defronta com problemas de superlotação e infraestrutura precária, tal qual a ocorrência frequente de rebeliões. Neste ambiente insalubre, o documentário desvelou um cotidiano de presos que tomam a resiliência e a prodigalidade como mecanismos de autodefesa e sobrevivência perante o preconceito e o tratamento desumano dos carcereiros. Assim como sobreviveu o personagem Edmond Dantès na prisão do castelo de D’iff, no livro O conde de Monte

Cristo, de Alexandre Tumas, os atores retratados pelo documentário prestam em seus depoimentos uma história de vida que desafiam as narrativas opressoras das sociedades historicamente acostumadas senão adestradas pela retórica dos espaços de confinamento, de enclausuramento.

De acordo com o sociólogo Michel Foucault (1987, p.277), os espaços de confinamento são nada mais que estratégias de opressão ao fazer com que os presos tenham o convívio com outros delinquentes e internos, fazendo da prisão uma escola do crime. “As prisões não diminuem a taxa de criminalidade: pode-se aumentá-las, multiplica-las ou transformá-las, a quantidade de crimes e de criminosos permanece estável, ou ainda pior, aumenta”.

Trata-se de uma conceituação que o filme *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha, já havia exposto quando evidenciado o confronto entre o BOPE e a polícia militar no Rio de Janeiro no combate ao narcotráfico nos “morros” da cidade do Rio de Janeiro.

Ao contrário do que se pensa sobre a ideia de privação de liberdade, a penitenciária deveria servir como meio de ressocialização e reinserção do infrator à sociedade, e não como é trabalhado atualmente com o único foco a punição e a privação de liberdade, como presenciamos em diversos presídios pelo país.

O conceito de exclusão social tem subjacente à ideia de que as sociedades, no seu processo de desenvolvimento, tal, como o conhecemos, marginalizam e, no limite, excluem indivíduos ou grupos sociais da participação nos frutos do progresso econômico-social, inviabilizando o seu acesso a direitos humanos constitucionalmente garantidos. (SILVA, 1999).

A equipe se preocupou em ouvir a família para saber como se deu a prisão, quais os motivos, quanto tempo de pena, preconceitos enfrentados, desafios etc, além de ouvir agente penitenciário, diretor administrativo, advogados, psicólogo, assistente social para ter diversas visões do mesmo objeto de estudo.

6 Considerações finais

Ao contrário do que pensávamos sobre TCC, o documentário se mostrou bem mais trabalhoso, dependendo muito mais de estudos, de técnicas e de aprimoramentos do que pudéssemos ter imaginado.

Acurados de um olhar investigativo que o tema em si exige, exploramos todas as fontes possíveis, desde as oficiais, quando buscamos ouvir diretamente o diretor da penitenciária que, na ocasião, contribuiu maciçamente em nossa incursão à Mata Grande. Às não-oficiais, ao destacar as falas dos personagens envolvidos no cotidiano da penitenciária.

A primeira visita aconteceu no dia 14 de fevereiro de 2014, e com algumas restrições. A caminhada pelo interior da cela foi feita acompanhada de muita emoção e confissões, o pastor, um dos personagens do documentário, contou-nos como era a vida dele com a privação de liberdade, como eles faziam para passar o tempo, nos contou como a intervenção da igreja transformou a vida dele e de muitas pessoas que ali estavam, se emocionava cada vez que falava da família, em especial dos filhos. Tal como gerou-nos uma perspectiva mais crítica e contestadora de algumas políticas públicas no Brasil, analisando mais friamente a interação entre governo, sociedade civil e a mídia.

A interação com detentos propiciou uma experiência singular não somente do ponto de vista profissional, mas humano. De algum modo, a compreensão acerca dos espaços de confinamentos, conceito de Michel Foucault, atravessou as fronteiras entre a teoria e prática, fazendo-se notar por exemplos mais próximos da nossa realidade. Mais do que o teste de teorias e suas analogias, podemos concluir que o documentário em si provocou-nos um entendimento mais aprofundado e holístico do problema do sistema penitenciário brasileiro, mostrando-nos os nossos lugares de interlocutores sociais na condição de jornalistas.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELO, Cristina Teixeira. **O documentário como Gênero Audiovisual**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. Disponível em www.intercom.org.br

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

Ordenações Filipinas. Livro V, Rio de Janeiro, Typographia do Instituto Philomathico, 14ª edição, 1870, p. 91.

PADILHA, José. **Tropa de Elite 2**. Entrevistador: Renato Delmanto. 2012. Disponível: www.renatodelmanto.com.br/casper/Onibus_174_entrevista_Padilha.pdf

PEDROSO, Regina Célia. **Utopias Penitenciárias Projetos Jurídicos e Realidade Carcerária no Brasil**. Revista de História, [S.l.], n. 136, p. 124, jul. 1997

Portal G1 <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/01/brasil-tem-hoje-deficit-de-200-mil-vagasno-sistema-prisional.html>>

PUCCINI, Sérgio J. Soares. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papirus, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário**. In: UNICAMP, 2001, Porto Alegre. Disponível em www.bocc.ubi.pt

ROCHA, Leonardo Coelho. **O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal** In: Centro Universitário de Belo Horizonte-UNI-BH. Disponível: www.bocc.ubi.pt

RODRIGUES, Rosa Luciana. **Documentário Ônibus 174: o paradoxo da sociedade brasileira**1. II Conferência Sul-americana e VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã de 20 a 22 de outubro de 2011 em Belém/Pa.

ROTHMAN, David. **The discovery of the asylum**. Boston, Little Brown, 1991, p. 30.

Site: www.institutoavantebrasil.com.br/evolucao-da-populacao-carceraria-brasileira-de-1990a-2012, 16/10/13

SUNG, Jung Mo. **Conversando Sobre Ética e Sociedade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1958.

WATTS, Harris. **On Camera – O Curso de Produção de Filme e Vídeo Da Bbc**. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

XAVIER, Ismail. **Cinema e Humanidade**, 2004, p. 75